



TERRITÓRIO DO MEDO: NARRATIVAS DE ALUNOS (as) LGBT'S NO AMBIENTE ESCOLAR

Jeam Claude de Souza Gomes¹
João Paulo Teixeira Viana²
Ana Karlany Sena³

RESUMO

A educação é um direito legado a todos, porém nos últimos anos os espaços escolares, tem se tornado territórios do medo para muitos estudantes LGBTQIA+. Destarte, o presente trabalho tem como objetivo apresentar narrativas de cinco estudantes LGBT's que passaram por situações de violência psicológica por sua orientação sexual. Como metodologia, foi realizado no primeiro momento a pesquisa bibliográfica digital, seguido de aplicação de formulário eletrônico, onde o público-alvo foi captado pelo método conhecido no Brasil por bola de neve. Constatou-se com o estudo que de fato a escola tem se tornado um território onde habita o medo, e que as medidas tomadas são paliativas que não combatem nem recriminam este tipo de violência, onde o corpo escolar tem sido frágil frente a essas situações. Este resumo deverá ser utilizado no formulário de submissão do trabalho no ato da submissão.

Palavras-chave: Território do Medo, LGBTfobia, Escola.

INTRODUÇÃO

"Todos aqueles que habitam o mundo têm o direito de estar aqui em virtude de seu estar aqui. Para estar aqui significa que você tem o direito de estar aqui."
JUDITH BUTLER (2012)

O acesso à educação é estabelecido em lei como um direito comum a todos, segundo consta no artigo 2 da lei de diretrizes e bases da educação, além da família é dever do Estado fornecer acesso a educação “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Porém, para muitos alunos e alunas, o ambiente escolar tem se tornado um território do medo, onde as práticas de violência psicológica têm se tornado comum na rotina desses estudantes, o que gera diversas consequências psicossocial em suas vidas.

¹ Mestre em Estudos Urbanos e Regionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, jeagomes50@gmail.com;

² João Paulo Teixeira Viana Mestre em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jpviana25@yahoo.com;

³ Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- IFRN, karlanysds@gmail.com;

Atualmente, esse quadro tem se agravado com o retorno dos estudantes ao convívio social pós-pandemia. Uma pesquisa realizada pela secretaria estadual de educação do Estado de São Paulo, constatou “o aumento de 48,5% dos casos de agressões físicas nos dois primeiros meses de aula este ano, em comparação à 2019, ano em que as aulas presenciais aconteciam normalmente. No período, houve registro de 4.021 casos de agressões físicas nas escolas estaduais” (BASÍLIO, 2022). O estudo revela ainda o crescimento de “ações violentas praticadas por grupos ou gangues nas escolas – até 24 de março eram contabilizados 221 casos, contra 68 no mesmo período de 2019 – bem como aumento dos casos de bullying (77%) e ameaças (52%)” (BASÍLIO, 2022).

Destarte, percebe-se que o espaço escolar tem se tornado um território habitado pelo medo, onde milhares de estudantes, sofrem diariamente com ataques seja pela sua orientação sexual, raça ou crença. O que fere em alto grau o que é estabelecido em lei. Portanto, esta pesquisa torna-se necessária para chamar atenção do corpo escolar, na busca por soluções que tornem a escola, um espaço igualitário, transformador e libertador.

Dentre as práticas de violência e bullying escolar, a que mais tem afetado o desempenho de estudantes é a LGBTfobia, onde segundo informações divulgadas pela CNN Brasil e de acordo com a organização Todos Pela Educação, apenas 26% das instituições escolares abordaram o tema “LGBTfobia”. Segundo matéria publicada pelo observatório G (2021), “entre as questões apontadas pelo levantamento, o machismo é o tema menos discutido nas escolas, com projetos em apenas 15,8% das instituições. Já 48% das escolas afirmaram ter projetos para tratar relações étnico-raciais, incluindo o racismo; e as desigualdades sociais por 35,9%”.

Associado a isso, torna-se um agravante, quando de acordo com “dados da pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil, de 2016, aponta que 73% dos estudantes LGBTQIA+ sofreram agressões verbais e 25% sofreram violência física por causa de sua orientação sexual e, por esse motivo, 60% se sentiam inseguros/as na escola. Na mesma pesquisa, 36% dos/das respondentes expressaram que consideraram “ineficaz” a resposta dos/das profissionais para impedir as agressões” (CAVALCANTI et. al, 2021, p. 577).

Sobre o uso do conceito de território pretendemos aqui apresentar sua contextualização a partir do olhar do medo. Sobre a definição de território SOUZA (1995) vai classificar o “território como espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, nos estudos de RAFFESTIN (1993), o território “é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (p. 143). Trata-se então de “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (p. 144).

Assim, é no território que são constituídas as relações de poder e que em muitas situações imperam desigualdades, econômica, sociais, pensamentos e conflitos que levam a práticas de violência. Nesse contexto vão se constituindo “territórios do medo”.

Portanto, “o medo ao se territorializar no indivíduo, estabelece atitudes que possibilitam a diminuição da sensação de segurança, como evitar transitar e permanecer em determinados locais no urbano. O medo também se territorializa no próprio espaço urbano, nas praças, ruas escuras e locais normalmente tido como perigosos” (MOURA et. al, 2020, p. 03).

Logo, esses fatores impactam diretamente nas “práticas socioespaciais da comunidade LGBTQIA+ são alteradas, principalmente no ato de evitar o uso desses, configurando os mesmos como “territórios do medo”. O medo comporta enquanto uma (multi) territorialidade, varia no tempo e no espaço, sendo assim determinados discursos constituem a marginalização e a violência de partes da ocupação urbana contra a população LGBTQIA+” (MOURA et. al, 2020, p. 03).

Deste modo, o objetivo central desse estudo é apresentar narrativas de cinco estudantes LGBT’s da cidade de Natal – RN, que passaram por momentos de medo no espaço escolar, devido sua orientação sexual e que em alguns casos não tiveram apoio do corpo gestor escolar para combater essas práticas. Os estudantes não tiveram seus nomes identificados e responderam a um formulário eletrônico semiestruturado, com perguntas abertas, onde o processo de captação do público ocorreu pelo método conhecido no Brasil por “bola de neve”, que consistiu em criar uma rede de confidente composto pelos cinco participantes. Por meio das narrativas, pode-se constatar que a escola tem se tornado um território do medo para estudantes LGBT’s e que ainda existem falhas por parte do corpo escolar que precisam ser corrigidas para que essas práticas de violência sejam banidas da escola.

METODOLOGIA

Para construção desta estudo, no primeiro momento utilizou-se uma pesquisa bibliográfica em plataformas digitais, na busca por indicadores e definições teóricas sobre o tema. Em seguida, foi elaborado um formulário eletrônico semiestruturado registrado na plataforma *google forms* e que fora aplicado a cinco estudantes LGBT’s de diferentes escolas públicas da cidade de Natal-RN. Para captação do público-alvo, utilizou-se o método denominada de *snowball* ou como conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve” ou ainda, como “cadeia de informantes” (PENROD et al. 2003; GOODMAN, 1961, apud ALBUQUERQUE, 2009).

Segundo GOMES (2021, p. 27):

essa técnica nos permite realizar uma amostragem não probabilística, e interação entre os indivíduos que estão envolvidos e serão estudados na pesquisa, estes no que lhe concerne, vão indicar ou convidar amigos/conhecidos de sua rede, para integrarem o processo. Nesse método, temos as sementes que são aqueles que nos possibilitam o contato inicial com o entrevistado ou entrevistada.

A seguir apresentamos um quadro com o perfil dos participantes deste estudo.

Quadro 01 – Perfil dos Participantes

PARTICIPANTE	IDADE	EXPRESSÃO DE GÊNERO	IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL
01	15		TRANSEXUAL	HETEROSSEXUAL
02	20		CISGÊNERO	HOMOSSEXUAL GAY
03	18		CISGÊNERO	HOMOSSEXUAL GAY
04	14		NÃO - BINÁRIO	PANSEXUAL
05	15		CISGÊNERO	HOMOSSEXUAL LÉSBICA

Fonte: elaboração própria (2022)

Dos entrevistados (as) duas se identificaram com o gênero feminino, e três com o masculino. Com relação a orientação sexual uma se declarou como transexual, três como gay e uma lésbica. Sobre a região de moradia todas estavam representadas, com dois participantes residentes da zona norte.

A primeira participante da pesquisa tem proximidade e já foi nossa aluna, sendo ela a semente que nos forneceu as demais indicações. Todos os entrevistados contaram sua narrativa através de plataforma eletrônica, não houve nem um tipo de contato físico ou visual com os estudantes, a não ser a participante número 01, conforme já relatado. Todo o processo de



narrativa ocorreu de maneira anônima, onde nós responsabilizamos em não divulgar informações pessoais dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, apresentaremos narrativas de cinco estudantes LGBT's de escolas da rede pública de Natal – RN, com idade entre 14 e 20 anos, cursando ensino médio e que vivenciaram práticas LGBTfobicas dentro da escola.

PARTICIPANTE 01 – O Uso do Banheiro Feminino na Escola

Estou em fase de transição, e todos os dias me sinto desconfortável em ir para escola. Minha família tem me apoiado e me dado uma força enorme, porém na escola eu percebo muitos olhares estranho, e meus professores ainda têm dificuldade em me chamar pelo meu nome. Não vejo nem um tipo de mobilização na escola que fale sobre a questão da LGBTfobia.

Até que em uma manhã de terça, fui usar o banheiro e tinha três meninas na porta que barraram a minha entrada e me expulsaram, dizendo que eu tinha que usar o banheiro dos homens. Fui na direção reclamar da situação, as meninas foram chamadas na diretoria, mas não foram suspensas, apenas chamaram seus pais para conversar, o que não mudou muita coisa.

As meninas faziam muitas caras e bocas para mim., só conseguia usar o banheiro que era mais distante dos corredores da minha sala, e sempre ia com outra colega, pois tinha medo de sofrer alguma violência. Falei com meus pais sobre o que aconteceu, e eles foram até a escolar conversar com direção, mas não vi nem uma ação por parte da diretora para resolver minha situação. Só faziam advertir verbalmente, mas nada mudava me sentia tão insegura, que comecei a faltar algumas aulas e cogitei em mudar de escola, mas como faltava só dois meses para acabar as aulas e eu precisei aguentar firma.

O que me deu forças para continuar foi o apoio dos meus amigos e minha família, não é apenas lutar para usar o banheiro, mas legitimar aquilo que é meu por direito. Sou uma menina e devo ser tratada igual as outras com os mesmos direitos, e infelizmente a escola me negou algo tão simples.

PARTICIPANTE 02 – De Mãos Dadas com Meu Amor



Tenho 20 anos já vivi bastante coisa nessa vida, infelizmente atrasei meus estudos por diversos fatores, principalmente porque tinha que ajudar minha mãe e fui trabalhar muito jovem. Voltei aos estudos e nunca escondi minha sexualidade de ninguém. Nesse meio tempo conheci o amor da minha vida, e sempre andamos de mãos dadas e nos abraçávamos em público como qualquer casal. Até que um dia, uma das coordenadoras da escola nos repreendeu e pediu que parássemos de ficar namorado pelos corredores da escola, senti um tom um pouco pejorativo, pois não observei ela repreender nenhum outro casal. Todos os alunos da escola nos respeitavam, então resolvi conversar com a direção.

Lá me explicaram que eram regras para todos e que devia ser cumprido. Sendo que, em nenhum momento praticávamos coisas ilícitas, eram apenas carícias normal de um casal. Notávamos no olhar das pessoas que dirigiam a escola, que elas nos reprovavam pela nossa orientação. Até que resolvemos fazer uma mobilização e conscientização sobre homofobia, e de cara colocaram mil empecilhos.

Resolvemos então, fazer cartazes e ir para a entrada da escola protestar, a direção nos chamou e se comprometeu em pegar leve, mas continuavam a proibir manifestação de carinho entre mim e meu namorado. Sei que a escola é um ambiente de estudo, com regras a serem seguidas, mas acredito que essas servem para todos sem distinção. Atualmente com a mudança do pessoal da direção, vejo algumas mudanças, mas nada muito concreto.

PARTICIPANTE 03- A aula de Educação Física

Sempre gostei da disciplina de educação física, porém nunca fui fã de esportes “masculinizados” como o futebol, e na escola existe muito essa divisão de jogos por gênero. Em uma das aulas práticas, meu professor insistiu para que eu entrasse no time de futebol da turma, e deixasse de lado o vôlei que era praticado só pelas meninas. Eu disse para ele que não sabia jogar e que me sentia desconfortável, pois os meninos da escola sempre me tratavam com indiferença, principalmente porque nunca escondi meu jeito afeminado, ouvia muitas chacotas pelos corredores da escola.

Mas voltando para o jogo, a pressão era tão grande que eu entrei no time e tentei aprender alguma coisa, até que estava agachado arrumado a meia e senti um forte empurrão, cai e machuquei minha boca. Nesse momento o professor tinha se ausentado, e ninguém se apresentou como culpado. A turma inteira foi para a direção, e eu passei a tarde toda no hospital com minha mãe. Voltei para escola dois dias depois, e notei que nada havia mudado, tinha uma



sensação de estar sozinho, todos estavam desconfiados, soube que um dos meninos do time havia sido suspenso, mas isso não adiantaria muito, pois, ele voltaria em uma semana.

A vida continuou na escola, algumas vezes tem umas palestras sobre bullying, mas ainda tenho aquela sensação de solidão, de que não pertencço àquele lugar, e que as pessoas estão sempre me julgando, eu noto isso nos olhares deles. Tenho meus poucos amigos, que me ajudam nesses momentos difíceis. Continuo a gostar de educação física, meu professor nunca mais me pressionou a jogar futebol, ele ficou bem constrangido com a situação, acredito que serviu de lição, ele tem feito alguns jogos mistos, isso é bem legal porque entrosa o pessoal da turma.

PARTICIPANTE 04 - O Pai do Aluno Homofóbico

Eu gosto muito daquela época de feira cultural e de ciências na escola, sempre faço apresentações de *drag*, o pessoal gosta bastante, anima o público. Mas tem um aluno e o pai dele, que é bem difícil. No último evento que ocorreu lá na escola, eu fiz uma apresentação com algumas amigas, e todos os dias ouvi piadas desse menino. Tem uma professora que sempre me defende. Na mesma semana da apresentação, aconteceu uma reunião dos pais, aonde eu fui um dos temas da reunião.

O pai desse aluno, questionou se a escola estaria ensinando o filho dele a virar *gay*. Minha mãe logo percebeu a situação, e perguntou qual o problema dele com os *gays*. Então ele disse que não tinha preconceito nenhum, mas que ali na escola não era lugar para esse tipo de coisa, e que se a pessoa tivesse vontade de vira *gay* fosse fazer isso na rua. Isso tudo porque o filho dele contou da minha apresentação, ele tentou de todas as formas proibir meu espetáculo, porém a direção foi bem resistente e manteve minha apresentação.

Mas o menino e seu pai ficaram bem chateados com a ideia, ele falava todo dia na sala que eu era uma abominação, que Deus iria castigar os *gays*. Eu me sentia muito triste com toda a situação, mas nunca deixei que isso me abalasse, a direção da escola me acolhia muito, mas as vezes me sentia desconfortável e com medo desse menino. Acho que o que falta na escola é apenas algumas intervenções sobre esses casos, para tentar conscientizar essas pessoas.

PARTICIPANTE 05 – Corredor do Pânico

Acredito que todo mundo já ouvi falar sobre o corredor “polonês”, que os meninos faziam na escola para mexer com as meninas, e no meu caso tentar me agredir. A hora do recreio é a melhor parte na rotina de um estudante, eu gostava muito. Até que um dia, um menino que eu

não quis ficar, porque sou lésbica e todas na escola sabem, resolveu organizar um corredor com vários meninos para quando eu passar mexer comigo. Eu passei o intervalo inteiro com minhas amigas trancada no banheiro. Nesses momentos não tem quase ninguém da direção da escola nos corredores, a maioria fica na sala dos professores e os alunos brincando ou na fila do lanche. Era apenas 30 minutos de recreio, meu coração acelerava para que aquele momento passasse, sabia que se saísse dali e passe por aqueles meninos eles iriam mexer comigo. Eu pedi para uma colega minha chamar o vigia.

Foi então que ele veio e dispersou os meninos, só que eu via o olhar maldoso daquele menino que eu dispensei, era como se ele estivesse com o ego ferido. Conteí o que tinha acontecido para os meus pais, eles foram até a escola e conversaram com a direção. Atualmente tem uma supervisora que fica nos corredores, mas nada foi feito para conscientizar aquele menino de que ele estava errado e precisava mudar. Eu sou uma aluna lésbica com muito orgulho, mas além de enfrentar a LGBTfobia na minha escola, eu ainda preciso combater o machismo dos meninos que acham que as mulheres são objetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivava apresentar narrativas de estudantes LGBT's que foram expostos a situações de violência psicológica travestidas de LGBTfobia, e que ficaram marcadas em suas trajetórias de vida. O principal intuito desse artigo é alertar que mesmo com os avanços no campo das políticas públicas, vivemos um retrocesso que tem tornando a escola um território onde habita o medo.

Desta forma, faz-se necessário re-pensar práticas pedagógicas e ações inclusivas no chão da escola, realizando projetos de acolhimento e combate aos casos de LGBTfobia. Com a adoção da semana do orgulho LGBTQIA+, rodas de conversa, plantão e acompanhamento psicológico para vítimas e agressores. Além da realização de debates com pais e equipe pedagógica. A LGBTfobia está além dos muros da escola, a comunidade LGBTQIA+ convive constantemente em territórios do medo, principalmente em seus lares, bairros e cidades.

Deste modo, os espaços escolares comum a todos deve fornecer mecanismos de apoio e assistência para essa população, além de coibir emergencialmente todas as práticas de bullying na escola, onde isso só será possível com um esforço mútuo de todo corpo escolar. Os protagonistas dessa pesquisa conviveram e sentiram as marcas da LGBTfobia e em ambos os casos a equipe gestora da escola não soube lidar com esses conflitos, adotando medidas paliativas para resolução desses casos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BASILIO, Ana Luiza. **Retomada das aulas presenciais acirra a violência nas escolas. O que fazer para superá-la?** [S. l.], 08 maio 2022. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/educacao/retomada-as-aulas-presenciais-acirra-a-violencia-nas-escolas-o-que-fazer-para-supera-la/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

CAVALCANTI ARAÚJO, MARIA CRISTINA ; Claude de Souza Gomes, Jean ; DE FRANÇA, REBECCA ; DA SILVA JUNIOR, JOSÉ CARLOS . **BULLYING, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA LGBTQIA+FOBICA EM AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANALISE NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.** REVISTA DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO , v. 9, p. 574-614, 2022.

GOMES, Jean Claude de Souza. **Do campo brotou margaridas: políticas de abordagem territorial e seus impactos para as questões de gênero da região do Mato Grande - RN.** 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

MOURA, P. ; DUARTE, T. S. . **TERRITÓRIOS DO MEDO PARA A POPULAÇÃO LGBTQIA+: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE A FRAGMENTAÇÃO DA CIDADE.** In: XXIX - CIC - UFPel, 2020, Pelotas. XXIX - CIC - UFPel. Pelotas: UFPel, 2020. v. XXIX. p. 1-5.

OLIVEIRA, Muka. **Estudo mostra que apenas 26% das escolas brasileiras falam sobre LGBTfobia em sala de aula** [S. l.], 16 ago. 2021. Disponível em:

<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/comportamento/estudo-mostra-que-apenas-26-das-escolas-brasileiras-falam-sobre-lgbtfobia-em-sala-de-aula>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SAQUET, M. A. (2007). **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular.

SOUZA, M. J. L. (1995). O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.